

© NOVO FANGUEIRO ©

Director: ARMANDO SARAIVA

NO dia 16 de Maio p.p. reuniu-se no Restaurante Rita Fangureira toda a família de «O Novo Fangureiro» (com algumas falhas involuntárias) para a celebração condigna do primeiro aniversário do nosso jornal. Foi uma festa muito íntima que serviu para o estreitar de laços entre todo o corpo redactorial. Alguns nem sequer se conheciam de modo que todo o mundo ficou a conhecer-se e a estimar-se melhor. A Zinha, noutro local, dá conta do que foi esse encontro.

Por nós queríamos apenas lamentar a ausência do Sr. Presidente da Junta que não pôde comparecer por razões ponderosas e que nós aceitamos perfeitamente.

Dir-nos-ão porém: mas como se pode entender o vosso convite ao Presidente da Junta se vocês estão sempre a «ma-

EDITORIAL

lhar» no homem? Ora aqui é que está o problema: that is the question, como diria o falecido Shakespeare.

Se o Sr. Presidente da Junta estivesse presente, teria tido a oportunidade de ouvir a magnífica intervenção desse promissor advogado que é o dr. Madureira que abordou precisamente o tema das relações entre a autarquia e um órgão de informação local.

Em resumo: ambos procuram servir a terra onde estão inseridos. E nesta óptica ninguém nega ao Presidente Luís Viana o abnegado esforço a favor da localidade. O arranjo das escolas Amorim Campos e a criação do edifício escolar de Santa Bárbara são obra sua, bem como as salas de aulas das Pedreiras. O arranjo do Cortinhal, o embelezamento da Avenida António Veiga, as obras de saneamento, o alargamento do caminho de Santo António, o acabamento da Avenida Beira-Rio, o já começado bairro social têm igualmente a sua chancela. E algo mais haveria acrescentar, como por exemplo a dotação de três mil e quinhentos contos aos Bombeiros para a compra da casa que pertenceu à família Pires Gaiém.

É certo que alguns estulticiamente objectam que as obras são da alçada da Câmara, mas esquecem que o mérito exclusivo se deve ao perfeito engajamento que existe entre a autarquia local e a edilidade municipal.

(Continua na pág. 2)

O PERFIL DE HOJE

por ARMANDO SARAIVA

Zé Maia

Já temos dito que esta galeria não evoca perfis homogénios, isto é, pessoas que tenham contribuído da mesma forma pelo progresso da terra. A marca ou o distintivo que caracterizam tais pessoas é a sua singularidade que é uma maneira especial de estar na vida e que assume aspectos diferenciados, seja pelo esforço próprio na realização de valores culturais, seja pela forma voluntariosa, difícil e persistente como actua sobre o meio, seja enfim por uma certa individualização destacante que tipifica uma certa maneira de viver.

Não se pense, contudo, que a quantificação desse contributo ou dessa singularidade se pode avaliar milimetricamente e que a tarefa de selecção se torna por esse facto pacífica. É sempre uma actividade melindosa e daí a recolha por parte de «O Novo Fangureiro» de outros pareceres, por ventura mais autorizados, de modo a obter-se um consenso generalizado.

Zé Maia é o nosso perfil de hoje. Não se pode negar que haja uma componente emocional na sua escolha, mas o seu nome há muito que estava calendarizado.

Ele foi com efeito um homem de



teatro. Mas que teatro? O teatro de Fão, evidentemente.

Evoquêmo-lo:

Realizavam-se em Fão espectáculos a cargo da JOC., que tiveram um grande impulsionador no falecido Prior Nogueira; não são igualmente de esquecer os inolvidáveis recitais que todos os anos, no 1.º de Dezembro, se efectuavam no edifício Amorim Campos pelas crianças das escolas; havia finalmente as «Revistas», o género de espectáculo

(Continua na pág. 3)

DESPEDIMENTOS NO HOTEL OFIR

Consumou-se a tragédia. Vinte e oito trabalhadores do Hotel Ofir foram despedidos após longos meses de verdadeira angústia.

Ao que consta a Administração da Sopete queria mandar para a rua seis funcionários apenas. Como estes não saíram, arranjou-se uma «estrangeirinha» legal para pôr na rua 28 companheiros da desgraça, sob a forma de despedimento colectivo. Receberam a carta de despedida 33; dois, porém, foram integrados pela Sopete em outras unidades da organização, de modo que restavam 31. A Secretaria do Estado de Emprego, «segurou» mais três, dado que um era deficiente; outro era cabeça de casal que

trabalhava junto naquela unidade hoteleira; finalmente um tercelro, aliás uma tercelra (era uma empregada) teve que ficar por se tratar de uma viúva. Restaram assim 28 que foram mandados embora, escudando-se a Secretaria de Estado do Emprego, neste caso do desemprego, na irregularidade do quadro de densidades. Explicando melhor: uma empresa, passando um leque variado de categorias profissionais, deve justificar as hierarquias em função dos trabalhadores subalternos: só há empregados de primeira, se houver outros de segunda e tercelra e por aí fora. Pelos vistos os fun-

(Continua na pág. 4)

ZÉ MAIA

(Continuado da pág. 1)

mais condizente com a maneira de ser do nosso povo.

Como sabemos, o criador destes números cénicos foi Ernestino Sacramento que aos seus dotes histriónicos aliava uma grande capacidade imaginativa e um «jeito» nato para ensaiador. Familiarizado com os espectáculos de revista

EDITORIAL

(Continuado da pág. 1)

Só que ser Junta em terra pequena é como ser jornal em localidade menor. Toda a gente se conhece, as raízes familiares estendem os seus tentáculos por todas as casas e nesta circunstância é muito difícil poder dizer não. E depois uma Junta perfiha uma filosofia de actuação que pode em certos casos não ser a mais consentânea com os interesses superiores da terra. Quem corrige, quem critica, quem alvitra novos caminhos? Naturalmente que serão os outros que não a Junta e devem ser todos quantos amam conscientemente a sua terra. Eles têm o indeclinável dever de corrigir, de apontar erros, de denunciar situações menos ortodoxas. Calar é cobardia e sobretudo prestar um mau serviço ao bairro.

Ora «O Novo Fanguero» é precisamente a voz dos outros, é ou deve ser a consciência da terra, é o crítico por excelência, a voz da comunidade. O bem da terra será o seu objectivo máximo e nesse sentido deverá convergir toda a sua acção.

É igualmente um jornal em terra pequena com todas as limitações compreensíveis: familiares, amigos, assinantes e anunciadores cujos benefícios podem colidir com o bem comum, mas que devem ser denunciados como o deve ser a Junta em situações análogas. Nunca o ataque a pessoas mas apenas à conduta ou acção que prejudiquem terceiros, neste caso o povo de Fão.

Teríamos especial empenho em ter connosco o nosso amigo Luís Viana, em consideração pelo cargo que ocupa; sentimos, porém, o indeclinável dever de não deixarmos passar em claro quaisquer atropelos que ponham em causa o prestígio, a riqueza e o bom nome da terra, sob pena de atraçoarmos o ideal que nos animou ao fundarmos «O Novo Fanguero».

made in Porto ou que à cidade invicta chegavam vindos do Parque Mayer, Ernestino Sacramento, bom observador, identificado com a maneira de ser dos conterrâneos, intuiu que era aquele o tipo de espectáculo que melhor se ajustava à idiossincracia do povo fanguero. Com o auxílio de outros conterrâneos igualmente dotados, Abel Vinhas, Querubim Evangelista, criou letras, adaptou músicas, caracterizou figuras e factos locais e adaptou tudo isso aos modelos mayerianos do que resultaram espectáculos que para sempre se fundiram na alma do nosso povo.

A primeira «revista» aconteceu há precisamente 52 anos com o espectáculo «Sem Fios», logo seguido de outro «P'ra Frente». A partir daí toda uma série de «revistas» foi «passada» em Fão, realizando-se a última há precisamente dois anos, chamada «Recordar é Viver» e que como o nome indica era um repositório dos principais números exibidos na nossa terra.

Não vamos emitir juízos de valor sobre tal teatro, dizer que se poderia optar por outros caminhos, criar números mais originais; afirmamos sim que a coisa pegou de estaca e hoje podemos afoitamente declarar que «o verdadeiro fanguero» é o fanguero que sabe entoar «Fão, linda terra minha», «Ó Fão antigo» e quejandas.

E onde entra nisto o Zé Maia?

Ora bem: a princípio foi actor na equipa de Ernestino Sacramento, com maior ou menor jeito, com maior ou menor mérito; Ernestino entretanto ausentou-se de Fão, vindo a falecer mais tarde. A semente porém fora lançada,

as canções integraram-se no colectivo cultural fanguero e as «revistas» do Ernestino constituíram um marco na vida artística de Fão, sobretudo porque se enquistaram na alma do povo fanguero. Não poderiam morrer jamais. E o Zé Maia não as deixou morrer efectivamente. Com certa coragem assumiu a batuta deixada pelo parente e ao longo de toda a sua vida manteve o fogo sagrado da tradição, recriando outras revistas, refazendo as antigas, batendo à porta de novos autores, Dr. Alceu, Carlos Palma Rios, Mário Belo, para que criassem outros números que ele depois levava à cena. Não somos capaz de recordar quantas revistas o Zé ensaiou; ainda assim lembramos «Manta de Trapos», «Não se fala mais nisso», «Ora chupa que se apaga», «Ofir também é Fão» e a que referimos atrás, «Recordar é viver». Outros espectáculos, tantos outros se realizaram e nós não vamos aqui declarar que o Zé Maia era grande artista e que foi um grande ensaiador. O mais ou menos não estão em causa. Zé Maia foi essencialmente um homem de teatro, animou durante dezenas de anos o espectáculo cénico em Fão, gastou centenas ou milhares de horas em cansativos ensaios, revelou vocações que nunca teriam subido a um palco se não lhes fosse dado esse ensejo, ajudou a manter (ou a criar?) uma certa tradição que se vai conservar por muitas gerações.

Exactamente por esse esforço em prol de uma certa cultura, se não lhe quiserem chamar cultura, chamem-lhe actividade artístico-cultural fanguera, Zé Maia bem merece que aqui evoquemos o seu nome, não tanto como preito de homenagem mas como forma muito sentida de agradecimento. Bem haja pelo seu esforço.



O descanso desejado...

HOTEL DO PINHAL ☆☆☆

OFIR — FÃO — 4740 ESPOSENDE — TEL. 053-96 14 73/4 — TELEX 32857
(nova Gerência pelos proprietários)



Contacte-nos directamente ou através do seu agente de viagens.



UNIÃO DE BANCOS PORTUGUESES

O VERDADEIRO BANCO DO NORTE

O GAB. I.

No dia 23 de Maio, a Câmara Municipal de Esposende apresentou aos Órgãos de Informação o seu recém-criado, Gabinete de Informação, a que por conveniência de espaço designamos por «Gab. I.».

«O Novo Fanguero» esteve presente através da minha própria pessoa. O programa constou, da parte da manhã, da apresentação dos objectivos do Gab. I., da parte da tarde, almoço e circuito turístico através da autarquia.

Dos objectivos falou o sr. Cunha Pinto, profissional ligado ao ramo da informática, que é também o responsável pelo Gab. I. Disse que os objectivos eram especialmente fornecer aos Órgãos de Informação, nomeadamente aos jornais diários, elementos sobre as realizações, presentes e futuras, da C. M. Teriam à sua disposição um telex para melhor fazerem chegar as informações aos ditos jornais. Seguiu-se um período de debate. «O Novo Fanguero pôs a seguinte questão:

N.F.— Senhor Cunha Pinto! É sabido que os jornais regionais, como o que eu represento, não possuem telex. Assim, de que forma poderemos nós obter as informações de que falou? Não será isso uma forma de marginalizar os jornais regionais?

Nasceu o «Novo Fanguero»
Da nova Vila de Fão,
Que siga o rumo certo
Impondo-se pela razão.

De certo vem p'ra ficar
Garantindo Independência.
Ele vem p'ra trabalhar
Não lhe falta competência.

Ativo, firme e aprumado
Tem vida o «Novo Fanguero»
Que sempre seja guiado
Por um pensamento ordeiro.

Assim o «Novo Fanguero»
Que aposta na Isenção
Que mostre ser o primeiro
Que se impõe pela razão.

Será um grande jornal
Assumindo responsabilidades,
Fazendo o bem e evitar o mal,
Informando só das realidades.

Fiel na luta pela verdade
Vai-se expôr a muitas críticas.
Vencerá com facilidade
Se não admitir políticas.

Parabéns «Novo Fanguero»
Nascestes para lutar
Sê em tudo verdadeiro
Não venhas para enganar
Este povo sem dinheiro
Também sabe apreciar.

C.P.— De modo algum. Está prevista uma reunião, a curto prazo, com os jornais regionais onde lhes forneceremos todas as informações que necessitem.

N.F.— Vamos esperar então que essa falada reunião não caia no esquecimento.

C.P.— Não cairá concerteza. Fica prometido.

Folou depois o sr. Presidente da Câmara sobre as obras e realizações em curso. Depois de o ouvir, o «N.F.» fez-lhe a seguinte pergunta:

N.F.— Sr. Presidente! Está em curso, em Fão e Esposende, uma obra de saneamento básico. No entanto, não se pode falar em saneamento básico sem se falar em estação de tratamento de esgotos para que não venham a lançar-se livremente no rio, um conjunto de objectos que irão poluir inevitavelmente o Cávado. Está, essa estação de tratamento, prevista?

P.C.— Está prevista. No entanto, estamos à espera de um parecer técnico para lhe darmos luz verde.

«O Novo Fanguero» espera, portanto, que os técnicos sejam tão rápidos como o Carlos Lopes nesta corrida que todos temos de travar contra a imundície.

No próximo número dar-vos-ei conta do resto da maratona.

J. A. MADUREIRA

A SEPULTURA ROMANA

Temos vindo a apreciar a acção muito meritória levada a cabo pela Casa de Cultura de Esposende, que tem como director o nosso prezado amigo dr. Penteado Neiva.

De 27 de Abril a 10 de Maio esteve lá uma exposição de Antero de Alda, professor do Ensino Secundário em Esposende.

Em 1 de Junho foi inaugurada uma outra exposição sobre «A Sepultura Romana» na Sala de Exposições da Biblioteca Municipal.

No acto da abertura foi proferida uma palestra pelo Dr. Carlos Alberto Brochado de Almeida subordinada ao tema «Ritos de enterramento durante a Idade de Ferro e Romanização no litoral minhoto».

Se gostamos da exposição, deliciamo-nos igualmente com a magnífica palestra do dr. Brochado que só não foi mais entusiasta e porventura mais dialogante por falta de assistentes.

Com efeito na bem cuidada sala de leitura da Biblioteca Municipal de Esposende encontravam-se presentes umas dez pessoas, contando-se entre estas alguns amigos e familiares do palestrante.

É claro que isto não vai fazer desanimar o dr. Penteado Neiva na certeza que o organismo cultural que dirige é um dos mais prestimosos e eficientes que conhecemos.

Quem acode à Praia de Fão?

Está uma desgraça a nossa praia. O mar tem feito os seus estragos, já arrebitou com as «casinhas» dos pescadores e se a Sopete não acode a tempo lá se ia o restaurante por água abaixo.

Dessas arremetidas ficaram as mazelas. Do lado do Ofir as coisas ainda se compuseram um bocado pois o enrocamento foi disposto com uma certa ordem, plantaram-se uns chorões no declive de modo que a paisagem até ressaltou airosa, mal grado algumas cicatrizes existentes na ponta final.

Do outro lado, ou seja, na zona a que alguns chauvinistas denominaram «praia de Fão», aquilo está uma miséria. O primeiro problema é o como descer à praia uma vez que as escadas do ano passado também se foram. A única escapadela é o trambolhão ou o mergulho na areia o que para exercício primeiro não está nada mau. Depois em todo o correr norte é um terreno mal amanhado com pedaços de muro, lascas de cimento, pedras, paus, folhetas numa mistura diabólica. O leitor experimente. Pinche até à praia, filcta um pouco em direcção à barra e depois olhe em direcção às torres. Uma vergonha.

E o remédio nem é dispendioso. Basta usar um «catrapillar» para alisar a parte superior da praia e uma grade para retirar a grude que os navios lançam no mar e os destroços trazidos pelas marés.

Trata-se da cospolita praia de Ofir, uma praia classificada de primeira com três tor-

res, três hotéis e milhares de contos de propaganda. E lembrarmo-nos nós que o ano passado a televisão até filmou os trabalhadores da Câmara a limpar o pinhal. Tudo para inglês ver.

Mas há mais:

No piso de cima, mais propriamente nos terrenos adjacentes às torres, foram lá colocados uns postos que se presumem ser de decoração pois não se lobrigam no topo nem lâmpadas nem candeleros. É que se forem meramente decorativos trata-se de uma estética muito avançada, mas não há dúvida que Ofir é sempre Ofir e todos os futurismos são aceitáveis. Só que a zona está às escuras.

Por falar em zona, lembramos que no rés-do-chão da terceira torre existem três lojas destinando-se a última a um restaurante; os arbustos, a erva e a areia existem ali em tamanha quantidade que por certo desencorajam os seus proprietários a fazer o quer que seja. Em algumas terras quando aparecem casos destes são as respectivas autarquias que aparecem, removem dificuldades e assinam aos respectivos empresários com todas as ajudas possíveis. Aquele ninguém aparece, ninguém encoraja e perante tanto desleixo as pessoas «encolhem-se» e a zona estiola.

É assim que querem fazer turismo em Ofir?

E para mais turismo de qualidade?
Oh! Não brinquem com a gente?

NÃO SABIA? VÁ VER.

- Fão tem a única praia do norte do país catalogada de 1.ª classe. É por isso que para se descer ao areal o utente terá de o fazer de pulo ou de voo. Não sabia? Vá ver ...
- Os comerciantes de gelados que montaram tenda lá na avenida da praia, vão deixar de vender gelados. De agora em diante passam a vender paraquedas. Não sabia? Vá ver ...
- A nossa vizinha freguesia de Rio Tinto já teve honras de «Jornal Diário». Ameaça com o boicote às eleições se não lhe arranjam as estradas de acesso à Vila. Não sabia? Vá ver ...
- Quando será que os habitantes das Pedreiras se associam aos vizinhos? É que para se chegar à sua rua de automóvel, o condutor prevenido terá de fazer mil buracocrosses ... Não sabia? Vá ver ...
- Dizia Garrett «para se repartir com igualdade o melhoramento das ruas de Lisboa, deviam ser obrigados os ministros a mudar de rua e bairro todos os três meses». Ai, presidente Luís! Vai mesmo viver para Serpa Pinto... esburacado. Não sabia? Vá ver...
- Antigamente, no Verão, era obrigatório os condóminos fazerem limpezas aos regos, regueiros e demais leitos de curso de água mais ou menos permanente, para que a passagem da dita não fosse obstruída. Para impor tal, havia a vigilância do guarda-rios, agora há o guarda-Costas. É por isso que a água, em certos regos, mudou o curso, alagando caminhos públicos e propriedades indefesas. Não sabia? Vá ver ...

- A estrada Nacional n.º 13 há muito que se encontra «embelezada» com mato, silvas, ervas e demais ornamentos; o que será feito dos cantoneiros. Não sabia? Vá ver ...
- Não tardará muito tempo que os devotos de Cupido e que gostavam de admirar a «paisagem» lá para os lados da Junqueira tenham de o fazer «a saltos». O acesso a nascente do hotel do Pinhal vai-lhes ser cortado? Ou tencionam abrir uma passagem para o domínio público? Não sabia? Vá ver ...
- Com a chegada do Verão, o pinhal de Fão começa a aparecer emporcalhado: sacas, latas, garrafas, restos de quanta porcaria há, tudo lá fica oferecido aos naturais. Não sabia? Vá ver ...
- Depois queixam-se de falta de estruturas. Mas afinal, o pinhal é domínio público ou privado? Não sabia? Vá ver ...

Dos mirones da outra banda

NOS «ANOS VINTE» ERA ASSIM...

Quantas vezes perguntamos a nós próprios: como seria a vida há meio século atrás? Melhor? Pior? Muito diferente? Vamos tentar satisfazer essa curiosidade, dando-lhes a conhecer notícias publicadas no jornal diário portuense «O Primeiro de Janeiro», naquele período a que se costuma chamar «os anos vinte».

Esperamos que, dada a diversidade dessas notícias, os leitores fiquem a conhecer variadas facetas da vida dessa época. É esse o nosso objectivo.

— 1 de Janeiro de 1922 — Porto:

«Alguns estabelecimentos vendem géneros impróprios para consumo. Na Senhora da Hora a GNR apreendeu 14 quintais de bacalhau impróprio para consumo e mandou-os queimar com petróleo. O povo que assistiu irrompeu em aplausos.»

— 15 de Janeiro de 1922 — Lisboa:

«Os condutores de carroças reúnem acerca da carestia de vida. Se não forem aumentados, vão para a greve.»

— 28 de Janeiro de 1922 — Lisboa:

«A comissão delegada de proprietários, construtores civis, fabricantes e fornecedores de materiais, entregou ao Ministro das Finanças uma representação contra o agravamento da Contribuição Predial e Suntuária.»

— 28 de Janeiro de 1922 — Lisboa:

«Apareceu um recém-nascido morto por esmagamento do crâneo, com perda de parte dos ossos, esvalamento da massa encefálica e sulco em volta do pescoço.»

— 31 de Janeiro de 1922 — Porto:

«Um cabo da GNR queixou-se de que lhe roubaram de casa objectos de ouro no valor de um conto de reis.»

— 17 de Fevereiro de 1922 — Porto:

«Dos concelhos de Braga, Vila Verde e Póvoa de Lanhoso têm vindo ao Porto, ao Instituto Pasteur, dezenas de indivíduos mordidos por cães ralvosos receber tratamento. Pedem-se providências para a extinção dos cães.»

M. LOUREIRO MARQUES

HUMOR

- Um amigo meu vivia numa região da Índia infestada de mosquitos. Quis saber como é que ele fazia para conseguir dormir.
— Muito simples, disse ele. Antes de ir para a cama tomo uns valentes copos de uísque; na primeira metade da noite, fico bêbado demais para sentir as picadas e, na segunda, são os mosquitos que ficam bêbados demais para me picarem.
- Conversa entre dois homens:
— Compreendo. Você discutiu com a sua mulher ... e depois?
— Depois, ela veio a rastejar até perto de mim.
— Veio mesmo? Que é que ela disse?
— Ela disse: Sala debaixo dessa cama, seu covarde, e lute como um homem.

● Uma mulher olha outra mulher de alto a baixo, para ver a roupa que veste. Um homem olha uma mulher de baixo a alto para ver o que a roupa veste.

- Deparando com um grupo de curiosos em volta dum automóvel completamente espatifado, um sujeito acerca-se dos curiosos e pergunta a um deles o que tinha acontecido. E o outro explicou-lhe:
— O senhor vê aquele poste?
— Vejo.
— Pois o motorista não o viu.

- Uma rapariga, muito convencida, disse a um rapaz:
— Eu hoje passel pela rua e um sujeito disse que eu sou vaporosa ...
— Acho que entendeu mal: ele deve ter dito «pavorosa».

- Uma senhora vai visitar uma amiga. Ao entrar em casa dela, diz-lhe:
— Cheira a leite queimado. Tens leite ao lume?
— Não. É a ama do meu filho que está com 40 graus de febre.

DINIS DE VILARELHO

DESPEDIMENTOS NO HOTEL OFIR

(Continuado da pág. 1)

clonários do Ofir promoveram-se um tanto apressadamente e esse erro foi-lhes fatal.

Foi-lhes fatal porque houve uma vontade política de correr com eles. De resto a Sopete detem a concessão de jogo da zona da Póvoa de Varzim e ainda várias salas de bingo espalhadas por várias partes do país, o que moral e até politicamente lhe deveria ser interdita a capacidade de despedimentos colectivos. Aquil houve de facto uma vontade política que funcionou negativamente e por isso tudo se compôs, tudo se arranjou e tudo se legalizou.

Disseram-nos que a Administração da Sopete comemorou a saída do despacho com algumas garrafas de champanhe. Disseram-nos mas nós não acreditamos pois a Sopete para ser obrigada a despedir 28 trabalhadores numa vila com pouco mais de 2000 habitantes, até o coração se lhes trespassou de dor. Ainda assim nós não nos esquecemos de que Voltaire dizia no seu tempo que para os alos não havia reis ... ou segredos da intimidade.

Fão
de
antigamente



Esta fotografia foi tirada no antigo Café Galo D'ouro em 11 de Novembro de 1946.

No primeiro plano vemos o Zé Maia e um irmão do Sobral, ambos falecidos. A seguir temos o Manuel Ferreira, Xico Glória (falecido), Zézé Evangelista (falecido) Miro (falecido), Pieira, António Herdeiro e Quim Campos (falecido). Mais acima: o Treze (falecido), Furtada (falecido), Zé Campos (de Braga) e o Alípio (falecido).

AUMENTE O SEU COLESTEROL!

Dado o nosso interesse pelo seu colesterol, aqui estamos com mais umas receitas para ajudar à sua ascensão...

Assim aqui têm o

BACALHAU A BRUXA

Cobre-se o fundo de um recipiente que possa ir à mesa com rodelas de cebola; sobre estas, salsa, pimenta, alho, azeite, um pouco de manteiga.

Por cima, põe-se uma camada de pequenas postas de bacalhau, e sobre estas uma camada de batatas cruas, descascadas, partidas às rodelas. Vão-se acrescentando, por esta ordem, as camadas que se julguem necessárias.

Por cima de tudo, deita-se um pouco de vinagre fino e cobre-se com farinha triga. Leva-se ao forno até cozer completamente.

Aqui está um prato simples e que julgamos que agradará, até ao colesterol... Vamos a experimentar?

Para sobremesa, temos uma gulodice brasileira:

BRASILEIRINHAS

Açúcar — 750 gramas. Coco ralado — 500 gramas. Gemas — 5. Claras — 1.

Põe-se o açúcar em ponto de rebuçado mole, junta-se o coco, depois as gemas e por fim a clara.

Mexe-se tudo muito bem e volta ao lume, para apertar um pouco o ponto.

Retira-se do lume, deixa-se esfriar e fazem-se umas bolinhas que se metem um pouco no forno, só até tostarem por cima.

Que tal? Já está a apetecer, não é ver-

Pagaram Assinaturas em 1985

Fernando Marques Almeida, Porto, 500\$; Eng.º Manuel Malafaia Baptista, Porto, 500\$; João Barros, Matosinhos, 500\$00; Augusto Bogo, Apúlia, 500\$00; José Paulo Domingues Ferreira, USA, 1000\$00; Manuel Raimundo Domingues Ferreira, Brasil, 1000\$00; Manuel Ramos Ferreira, V. N. Famalicão, 500\$00; José Madureira, Fão, 500\$00; M.ª José Soares Madureira, Porto, 500\$00; Carlos Maria Costa Maia, Fão, 500\$00; Manuel Fernando Alves Pereira, Barcelos, 500\$00; Félix Manuel Galfém Soares, Guimarães, 500\$00; João Armando Gonçalves da Torre, Porto, 500\$00.

N. B. — Alguns assinantes pagaram a assinatura de 85 com 350\$00. Pedimos que enviem o restante ou seja: 150\$00.

Cerca de 200 assinantes ainda não liquidaram a assinatura de 84. Pedimos que regularizem a sua situação.

dade? Então, mãos à obra e o colesterol que tenha muita paciência!

Até à próxima, se Deus quiser... e BOM APETITE!

Tia Mariquinhas

LongaVida



o que é bom da natureza

FALECIMENTOS

Com a idade de 70 anos, faleceu no Hospital de Fão o Sr. José Ribeiro Maia, vítima de doença que não perdoou.

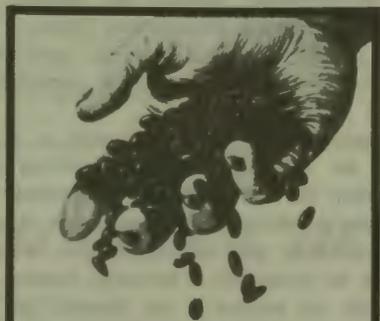
O extinto era casado com D. Ana Gonçalves Faria e pai de D. Dulce da Costa Maia, D. Gabriela da Costa Maia e Carlos Maria da Costa Maia.

O seu funeral realizou-se no dia 21 p.p. da Igreja da Misericórdia onde o corpo se encontrava depositado para o cemitério local.

Com avançada idade faleceu na Rua Serpa Pinto o sr. José Ramos de Oliveira, antigo empreiteiro da construção civil.

Era viúvo de D. Arminda Machado Solinho e pai de D. Rosália Solinho Oliveira, Manuel Solinho Oliveira e José Solinho Oliveira (já falecido).

As famílias enlutadas «O Novo Fanguelro» apresenta sentidos pésames.



o melhor café
é o da

A BRASILEIRA
PORTO

ÓPTICA *Oliveira*

ALEIXO FERREIRA, L.DA

création ARMAÇÕES — ÓCULOS SOL

CAZAL

RUA DA MISERICORDIA, 2-16 — 4700 BRAGA • TEL. 75777

Um ano passou sobre a vida de «O Novo Fangueiro».

É verdade, fez já um ano este jornal da nossa terra!

Espera-se que continue, apesar de todas as dificuldades que enfrenta, as críticas de que é alvo, as quais são afinal a maior prova de que é lido e comentado, merecendo portanto, senão o interesse, pelo menos a curiosidade das pessoas.

Pena é que pessoas da nossa terra que foram convidadas a colaborar, o não tenham feito ainda, pois isso contribuiria para o enriquecimento do jornal e um maior apreço por parte de quem o lê.

O aniversário de um jornal, merece uma ponderada reflexão, não só sobre o caminho encetado, mas, principalmente, sobre o itinerário a percorrer. E por este motivo também (o outro foi a alegria de o primeiro aniversário), reuniram-se num jantar-convívio, todos os colaborado-



por ZINHA

res deste jornal, excepto a Sr.ª D. Cecília Amorim que, por motivos de saúde de seu marido, não pôde estar presente.

Havia a curiosidade de as pessoas quererem conhecer-se, saberem

quem e como eram as que contribuíam com o seu esforço, para a manutenção deste jornal. A Dr.ª Arlete que só conhecia Fão pela passagem na estrada, não quis faltar ao convite, pois mostrava-se desejosa de saber quem eram os colegas de trabalho e para quem escrevia ...

Foi muito positivo este encontro, com várias reflexões, e de todas as intervenções que houve, sempre ficou vincada a ideia de que «O Novo Fangueiro», não tem a intenção de melindrar esta ou aquela pessoa, mas sim alertar para este ou aquele problema que pode concorrer para o desenvolvimento ou prejuízo da nossa terra. Lá saiu que «uma terra sem jornal, é uma terra indefesa» e fizeram-se votos para que este continuasse a pelejar pelo progresso da nossa terra, e constituísse uma voz, um desafio àquilo que se considera razoável e justo.

O Mundo em que vivemos

UMA PASSAGEM PARA A MORTE

Poderia pensar-se que, num lugar de alegria e diversão, de entusiasmo e vida, a morte não teria cabimento, não teria sequer hipótese de entrar.

Situação caótica das estradas em Esposende

Solicitando o favor da vossa atenção para o tema em referência, pediamos, ao mesmo tempo, fosse publicado o texto abaixo:

«Não é novidade para ninguém o estado caótico de, pelo menos 80% das estradas nacionais. Mas não é pacientemente que vamos esperando a chegada de GODOT. É preciso denunciar, exigir que se acabe com este estado de coisas.

O principal eixo rodoviário de Rio Tinto, Fonte Boa que é a EN «05/1 a ligar Vila Seca a Fão é (mais) um péssimo exemplo da (in) eficácia da JAE e suas ramificações (neste caso a Direcção de Estradas de Braga). Péssimo estado com muitos buracos (chegam a atingir 20 cm e mais), alguns deles a toda a largura da estrada. Se chove, a situação é mesmo caótica. Não tem valetas e a água empoça enganando os automobilistas.

Em Outubro/Novembro do ano passado com o apoio da Câmara de Esposende a Direcção de Estradas de Braga «encheu» buracos deitanda terra para (os olhos) para remediar a situação. Que piorou ... De igual modo poderemos referir a ligação EN 13 Necessidades pela EN 205/1 A da Barca do Lago à de Barcelos e desde Palmeira (103/1) a Vila Chã (305).

Até quando, senhor Ministro do Equipamento Social?»

Puro engano: ela abre todas as portas, insinua-se nos sítios mais imprevisíveis, traíndo a nossa sensação de segurança.

Assim se explica que, no curto intervalo de três semanas, a sua presença se fizesse sentir em três estádios desportivos, cobrando o pesado tributo de cem vidas, jovens na sua maioria.

Em 11 de Maio, no estádio de Bradford, Inglaterra, supõe-se que por irresponsabilidade de um adepto que teria jogado para uma bancada (de madeira) uma «bomba» de Carnaval, poderosas labaredas engoliram parte das bancadas e com elas 52 pessoas.

Entre as vítimas, um jovem 17 anos. Tinha ido com seu pai ver o desafio. A nota comovedora é que, já envolto em chamas que o iam destruir, ainda o seu pensamento estava preso ao pai. Dentre as labaredas, um grito de preocupação: — «Pai, estás bem?»... Depois, o silêncio. O pai escapou ao holocausto, para repetir, agora

inconsolável: «Foi a última vez que ouvi a voz do meu filho!»

Dias depois, em 26 de Maio, no Estádio da Universidade, Cidade do México, um grupo de adeptos impacientes forçou a entrada por um portão do Estádio, esmagando oito pessoas que calmamente caminhavam à sua frente.

Finalmente — e oxalá o seja! — a tragédia de Bruxelas. Não há palavras para comentar as lamentáveis e horrorosas cenas que a Televisão trouxe até nós. Apenas um pormenor que nos chamou a atenção: depois de esvaziada a bancada fatídica, removidos os mortos e os feridos, um pequeno «kíspe» azul ficou caído num dos degraus, como coisa inútil, sem valor. Pelo tamanho, o seu possuidor não teria mais que 10 ou 12 anos. Jamais o tornará a vestir.

O pequeno casaco azul, trágico na sua eloquência, ficará como uma acusação, como um anátema, contra a brutalidade, o horror, o fanatismo, a selvajaria.

Para que a irresponsabilidade, a violência, a agressividade, jamais voltem a transformar um lugar de alegria e confraternização num cemitério.

Para que seja esta a última vez em que alguém, ao comprar um bilhete para umas horas de diversão, esteja a adquirir uma passagem para a morte!

E. REAL

AVENÇA



PORTE

PAGO

«O NOVO FANGUEIRO»
FÃO